



DL-01

Ses. Esp. 12/12/11

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Benemérito da liberdade e a da Justiça Social João Mangabeira ao ex-deputado Federal e atual diretor Geral da Agência Nacional de Petróleo a Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo nobre deputado Álvaro Gomes.

Para compor a Mesa convido o Exmº Sr. Secretário de Relações Institucionais César Lisboa, neste ato, representando o governador Jaques Wagner; o senhor. proponente desta sessão, deputado Álvaro Gomes; o Exmº Sr. Deputado Federal e presidente estadual do PCdoB, Daniel Almeida; a Sr.ª Deputada Federal Alice Portugal, minha querida amiga; o Sr. Capitão de Corveta, Alexandre Ribeiro, representando o comandante do 2º Distrito Naval, o vice-almirante Carlos Autran; a Sr.ª Vereadora Olívia Santana; o senhor membro da direção nacional e estadual do PCdoB, Péricles de Souza. (Palmas)

Designo uma comissão composta pelas deputadas Ivana Bastos, do PSD, Kelly Magalhães, do PCdoB, e pelos deputados Aderbal Fulco Caldas, do PP, e Zé Neto, PT, para conduzirem o homenageado, o ex-deputado Haroldo Lima.

(A comissão de deputados conduz o Sr. Haroldo Lima ao Plenário)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido a todos a ouvirem a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional)



2492-I

Ses. Esp. 12/12/11

Or. Álvaro Gomes

Título de Cidadão Benemérito da liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, ao senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao deputado Álvaro Gomes, mas antes eu gostaria de passar a presidência dos trabalhos ao deputado Aderbal Fulco Caldas, 2º Vice-Presidente desta Casa, voltarei para entregar o Título e proceder o encerramento desta sessão especial, tendo em vista, compromissos assumidos anteriormente.

Com a palavra o deputado Álvaro Gomes, pelo tempo que desejar.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Sr. Presidente da Assembleia Legislativa, deputado Marcelo Nilo; Sr. César Lisboa, Secretário de Relações Institucionais, representando o governador; os camaradas deputados estadual, Daniel Almeida, Presidente do nosso Partido; Alice Portugal, deputada Federal; Presidente do nosso Partido; Sr. Capitão de Corveta, Alexandre Ribeiro, representante do Comandante do Segundo Distrito Naval, Vice-Almirante Carlos Autran; nossa camarada Olívia Santana, vereadora de Salvador; Péricles Sousa, representado a Direção Nacional e Estadual do nosso Partido; Haroldo Lima, ex- Diretor Geral da Agência Nacional do Petróleo nosso homenageado.

(Lê): “A concessão, pela Assembleia Legislativa da Bahia, do título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira a esse ilustre brasileiro, reconhece sua dedicação às causas nobres, humanas e sociais do seu povo e do seu país, contribuindo para o desenvolvimento político, econômico, energético e social da nação brasileira.

A homenagem acontece nesse período importante após Haroldo Lima ter deixado o cargo de diretor-geral da ANP (Agência Nacional do Petróleo) no último dia 11, numa gestão marcada pela descoberta de grandes reservas de petróleo no Brasil e da camada de Pré-sal, que colocam o país entre os maiores produtores do mundo.

O homenageado sempre defendeu que a exploração dos campos marginais de petróleo por pequenas e médias empresas traz valiosos benefícios para o país, como



investimentos, incentivo ao surgimento de pequenos e médios produtores de petróleo no Brasil, geração de emprego permanente, incentivo à indústria brasileira fornecedora de bens e serviços e incremento de tributos para o Estado.

Filho de Benjamin Teixeira Rodrigues Lima e da professora Adelaide Borges Rodrigues Lima, Haroldo Lima, nasceu em Caetité, [Bahia](#). É da tradicional família do município, descendente do [Barão de Caetité](#) e do primeiro governador eleito da Bahia no período da República, [doutor Joaquim Manoel Rodrigues Lima](#).

Em 1958, ingressou no curso de Engenharia Elétrica da Universidade Federal da Bahia, iniciando a militância nos movimentos estudantis, como a Juventude Universitária Católica (JUC), União dos Estudantes da Bahia (UEB) e a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Inquieto e incansável na busca de um país melhor, Haroldo ajudou a fundar, entre [1961](#) e [1963](#) a AP (Ação Popular), com [Herbert José de Souza](#), o [Betinho](#), [Aldo Arantes](#) e outros ativistas políticos. A Ação Popular foi um importante movimento revolucionário armado de oposição ao regime militar. Trabalhou na Companhia de Eletricidade da Bahia-[Coelba](#), da qual afastou-se entre [1967](#) e [1968](#) para dedicar-se à militância política na clandestinidade, condição em que permaneceria por 10 anos. Pouco depois, sua esposa Solange Silvany Rodrigues Lima seria presa e condenada, sendo a primeira mulher presa política na Bahia durante o regime militar.

À época da promulgação do [AI-5](#), em novembro de 1968, Haroldo foi diarista na lavoura Cacaueira da Bahia, em [Itabuna](#) e [Buerarema](#). Sua missão era organizar politicamente os trabalhadores rurais, para combater o regime dos generais.

Em [1969](#), transfere-se para [São Paulo](#), de onde coordena a Comissão Nacional Camponesa da AP, escolhendo as futuras áreas de guerrilha. Em março de [1971](#), a AP adotou formalmente o leninismo e se proclamou partido, com a denominação de Ação Popular Marxista-Leninista (APML). Entre [1971](#) e [1972](#), participa do núcleo principal das discussões que resultaram na incorporação da APML ao Partido Comunista do Brasil.

Filiado ao PCdoB desde 1972, Haroldo tem uma trajetória política digna dos melhores filhos do povo brasileiro e dos mais atuantes dirigentes do partido.



Passou então a compor a Comissão Executiva do Comitê Central do [PCdoB](#), que tinha [João Amazonas](#) como dirigente principal, e a integrar a Comissão de Organização do Partido. Na época, todo esforço da legenda destinava-se a apoiar a [Guerrilha do Araguaia](#), iniciada em abril de [1972](#).

Foi um dos sobreviventes do episódio conhecido como Chacina da Lapa, em São Paulo, ocorrido em 15 de dezembro de 1976, quando tropas do Exército invadiram uma reunião do então clandestino Comitê Central do PCdoB, matando três companheiros e levando à prisão outros cinco, entre eles Haroldo Lima,

Na prisão, foi vítima de inúmeras torturas por quase 3 anos entre o Presídio do Barro Branco, em São Paulo, e a Penitenciária Lemos Brito, em [Salvador](#). Com o início do processo de [abertura política](#), Haroldo foi solto em [1979](#), por força da [anistia](#) política.

Mas, em [1981](#), é novamente preso, acusado de ter articulado um grande 'quebra-quebra' de ônibus em protesto contra aumento do preço das tarifas em Salvador.

Nessa efervescência, Haroldo junta-se a homens como [Rômulo Almeida](#), [Waldir Pires](#), [Francisco Pinto](#), [Élquisson Soares](#) e outros para fundar o [PMDB](#) na Bahia. Com Francisco Pinto e Elquisson, organiza a 'Tendência Popular' do partido, quando o PCdoB passa a atuar politicamente dessa forma em função de restrições legais aos comunistas.

Dentro dessa frente política que era o PMDB, Haroldo foi eleito [deputado federal](#) em [1982](#), sendo um dos mais votados de Salvador.

Com a legalização dos partidos de [esquerda](#), em [1985](#), Haroldo Lima pôde filiar-se oficialmente ao PCdoB. Foi eleito deputado federal constituinte em 1988, obtendo expressiva votação. Seu slogan foi '*Botando pra quebrar na Constituinte*'.

Ganhou notoriedade por apresentar cerca de 1.200 emendas à proposta de nova Constituição Federal, conseguindo aprovar várias delas. Com isso, recebeu do [DIAP](#) nota 10 e o jornal [Folha de São Paulo](#) o colocou entre os mais destacados constituintes.

Por 20 anos atuando no Congresso Nacional, foi crítico das políticas [neoliberais](#), que incluíam o desmonte das estruturas do [Estado](#) com a privatização de empresas estatais estratégicas e quebra dos monopólios constitucionais.



Criticou também a abertura comercial sem critérios e alertou para os riscos da inserção do Brasil na economia globalizada em condições desfavoráveis para o país.

Só mesmo uma trajetória política em defesa dos interesses do povo e dos trabalhadores brasileiros, além de vasto conhecimento técnico, levaram o então presidente Lula a indicá-lo para conduzir brilhantemente a ANP.

O DNA político revolucionário do PCdoB manteve Haroldo Lima contribuindo com o seu país após ter deixado a Câmara dos Deputados em Brasília.

Hoje, ele recebe o título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, que foi jurista, político, escritor e irmão do ex-governador Otávio Mangabeira.

Desta forma, homenageamos duas trajetórias singulares e bem parecidas da política baiana e brasileira. João Mangabeira foi deputado estadual e deputado federal, tornando-se uma das figuras de maior destaque na Câmara dos Deputados.

Nesta homenagem ao camarada Haroldo Lima, buscamos fazer justiça a quem, ao longo de sua trajetória, pautou a vida pela luta contra o autoritarismo, contra a ditadura militar, pelas liberdades democráticas, pela soberania nacional, bem como em defesa do internacionalismo proletário...”

O camarada Haroldo Lima é um internacionalista proletário, assim como o nosso Partido, e eu não poderia deixar de ter aqui esta frase: internacionalista.(lê): “... e na construção de uma sociedade em que todos tenham seus direitos assegurados. Direito a viver com dignidade, com acesso à saúde, educação, lazer e com os direitos humanos respeitados. Enfim, viver com justiça social e PAZ.”

Neste instante, acho oportuno citar trecho de um poema de Bertold Brecht, um poema bem conhecido, um clássico que se aplica ao nosso camarada Haroldo Lima, que diz o seguinte: (lê): “Há homens que lutam um dia e são bons; há outros que lutam um ano e são melhores; há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há os que lutam toda a vida e esses são imprescindíveis.”

Então o camarada Haroldo Lima é isso, a sua história de luta, a luta da vida inteira. É um dos homens imprescindíveis para a democracia, para a construção de uma sociedade; é



um dos exemplos marcantes da história política baiana, brasileira e internacional. Afinal de contas, o nosso camarada Haroldo Lima, dentro dos nossos princípios partidários, defende, com muita ênfase, o internacionalismo proletário.

Portanto, camarada Haroldo Lima, parabéns por esse título que, salvo engano, só foi entregue aqui até o momento ao companheiro Waldir Pires, ao Fernando Santana e agora ao camarada Haroldo Lima. São homens desse tipo que merecem receber o título João Magabeira pelo trabalho, pela contribuição que deu para a construção de uma sociedade em que todos possam viver bem, com paz e justiça social.

Um grande abraço a Haroldo Lima e a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2493-I

Ses. Esp. 12/12/11

Or. Alice Portugal

Título de Cidadão Benemérito da liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, ao senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Aderbal Fulco Caldas):- Gostaria de convidar a esposa do homenageado, D. Solange Silvany Rodrigues Lima, e a neta Beatriz Rodrigues Lima Gradim para, juntamente com o proponente Álvaro...

(O deputado Álvaro Gomes fala fora do microfone.)

O Sr. PRESIDENTE (Aderbal Fulco Caldas):- Peço desculpas, porque há outros oradores inscritos. Regimentalmente só o proponente da sessão e o homenageado poderiam falar, mas estamos abrindo um precedente concedendo a palavra, em primeiro lugar, à brava e valorosa deputada Alice Portugal.

A senhora tem a palavra.

A Sr^a ALICE PORTUGAL:- Bom-dia a todos e todas!

Exm^o Sr. Presidente desta sessão, deputado Aderbal Caldas, meu ex-colega nesta Casa, Sr. Secretário de Relações Institucionais do governo do Estado da Bahia, nosso querido Cézar Lisboa, neste ato representando o governador, Exm^o Sr. Deputado Federal Daniel Almeida, meu colega, companheiro, camarada e presidente do PCdoB na Bahia, Sr. Capitão-de-Corveta Alexandre Ribeiro, representando o Comandante do 2^o Distrito Naval, o vice-almirante Carlos Autran, nossa querida Olívia Santana, vereadora da Câmara Municipal de Salvador, em nome de quem cumprimento todos os vereadores e todas as vereadoras presentes, o camarada Péricles de Souza, membro da direção estadual do nosso partido, e o homenageado Haroldo Lima, diretor geral da Agência Nacional do Petróleo.

Querido Álvaro Gomes, quero parabenizá-lo, deputado, pela realização desta sessão e a concessão deste justo título. Neste momento, faço também as minhas homenagens a esta Casa Legislativa, cumprimentando as deputadas presentes, Kelly e Ivana, duas mulheres mui bem representando a Assembleia Legislativa da Bahia.



] Quando aqui estive, infelizmente, não tínhamos a graça da liberdade e da democracia nem condições, da tribuna desta Casa, de propor um título dessa magnitude a Haroldo Lima, que era considerado um homem proscrito. Por isso, deputado Álvaro Gomes, meu companheiro de luta, quero parabenizá-lo e me irmanar nesta homenagem parabenizando assim todo este Poder Legislativo, que concede essa comenda a Haroldo Lima, um dos mais importantes homens públicos brasileiros. Se já não bastasse tudo isso, sem dúvida ele está entre aqueles que sobreviveram heroicamente ao jugo de uma ditadura que calou as vozes do povo brasileiro durante mais de duas décadas.

[Aqui estive na tribuna deste Parlamento, nos anos de 1994 a 2002, como 100% da Bancada do PCdoB, porque era deputada única, e nesta Casa a resistência era muito grande. E o meu paradigma, o meu parâmetro era Haroldo Lima na Câmara dos Deputados. Haroldo falava, e nós daqui reverberávamos. Haroldo gritava, e nós daqui sustentávamos. Só que o nós era apenas eu, uma menina, quase.(Risos!) Hoje temos nesta Assembleia três deputados estaduais e uma manhã de liberdade e democracia, com uma primeira mulher presidenta da República e o governador Jaques Wagner na sua segunda experiência, mudando a Bahia. Por isso, Haroldo, esta é de fato uma manhã importante para a Bahia. Quero abraçar toda a sua família. E, abraçando Solange, também abraço a todos aqueles que ao seu lado sofreram, acompanharam, apoiaram e tiveram na pele a dor de saber que, apenas por você pensar em liberdade, tinha um esposo, um irmão, um primo, um amigo querido, um pai com a liberdade suprimida.

Conheci Haroldo ainda em 1979, ele preso, eu já estudante universitária, participante ativa do movimento estudantil, toda a geração das portas da cadeia. Haroldo me conheceu numa reunião na pensão onde morava Chico Pinto, e lá estava eu com o querido Aranha, de Alagoinhas, que está aqui presente, entre outros companheiros que naquele momento tinham a intenção de articular o Movimento Estudantil do MDB. Àquela altura, o partido aqui estruturado na Bahia, estruturado clandestinamente, Carlos Valadares e Loreta chegando do exílio. Péricles ainda conhecido com seu nome clandestino, e Haroldo chega do cárcere parecendo que estava chegando dum processo de reenergização, porque chegou com



toda a energia e nos contagiou. A juventude de então foi contagiada pelas histórias e pela história desse homem.

Nós nos reuníamos em situações muito difíceis, e Haroldo contava as passagens da clandestinidade, as passagens do movimento estudantil da década de 60, a importância dos grupos de refundação do Partido Comunista do Brasil, porque no fim da década de 50 o velho partido perde-se em posições antagônicas à visão da construção do socialismo. E grupos como a ANP e, enfim, dezenas de outros surgem neste País. Inclusive há poucos dias comemoramos os 100 anos do nascimento de Carlos Marighella, ele próprio participante duma dessas iniciativas.

Haroldo ingressa no PCdoB, como Álvaro muito bem relatou em sua biografia, e traz esta energia, e traz este vigor! Assim o seguimos na década de 70, na de 80 sendo eleito deputado federal por 20 anos honrando a bandeira do partido. Ainda hoje, Haroldo por onde passa na Câmara dos Deputados é saudado como um dos maiores parlamentares que já integraram aquela Casa. E neste momento encerra a sua missão à frente da Agência Nacional do Petróleo, tendo sido fundamental para banir praticamente quase 100% das adulterações de combustíveis no Brasil e participar da construção, de maneira estratégica, do marco regulatório da exploração da jazida do Pré-Sal descoberta neste último período no Brasil.

Portanto, Haroldo provou que é um homem de resistência, de ideais, de coragem, um instrutor político, o preceptor de mais uma geração aqui representada por homens e mulheres desta Bahia. E, sem dúvida, mostrou que também é um homem de ação, ação à frente dum organismo público de construção moderna dum novo Brasil, um homem de capacidade de gestão e absoluta seriedade diante da coisa pública.

Neste instante em que o PCdoB passou por um momento muito difícil de ataques hediondos à sua honra, nós confiamos e comprovaremos que um jovem negro da Bahia, o ex-ministro Orlando Silva, que trouxe a Copa do Mundo e as Olimpíadas para o Brasil, é honrado, absolutamente honrado, diante dum ataque hediondo de setores da mídia que substituem uma posição falida derrotada pelo presidente Lula, pela presidenta Dilma e aqui na Bahia duas vezes por Jaques Wagner e nós todos. Portanto, nós todos vamos comprovar a lisura do ministro, e Haroldo está aí para comprovar qual é o nosso método, a nossa ação.



Haroldo, estamos muito orgulhosos mais uma vez de você, que agora deixa a tarefa da ANP e recebe esta comenda na Assembleia Legislativa. Mas tenha certeza que, para além desses tributos, você está em nossos corações, naqueles que aprenderam e acreditam neste legado que você já deixou e no que deixará, porque com certeza parado não ficará. Inquieta como é a sua natureza, qualquer tarefa que assuma saberá cumprir a contento dos interesses do nosso povo, do nosso partido e do nosso Brasil.

Portanto, Haroldo, você, que nos ensinou a lutar por terra, trabalho, liberdade e independência nacional, siga com o mesmo brilhantismo ajudando a continuar mudando a nossa Nação.

Por isso, Álvaro, mais uma vez meus parabéns! Haroldo, parabéns também pela honraria, acima de tudo, parabéns pelo conjunto da sua vida, da sua obra, da sua personalidade indômita, da sua capacidade de organizar o povo em busca de melhores dias e de uma sociedade mais igual.

Um abraço, companheiro.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



2494-I

Ses. Esp. 12/12/11

Or. Ivana Bastos

Título de Cidadão Benemérito da liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, ao senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Aderbal Fulco Caldas):- Queremos registrar as presenças dos deputados Bira Coroa, Mário Negromonte Junior. e Carlos Ubaldino.

Concedo a palavra à deputada Ivana Bastos.

A Sra. IVANA BASTOS:- Bom dia a todos e a todas. Quero cumprimentar o Exmo. Sr. César Lisboa, secretário de Relações Institucionais, representando o governador Jaques Wagner neste ato; o deputado Álvaro Gomes, proponente desta sessão, que nos orgulha com seu trabalho, com sua dedicação a esta Casa. O deputado federal e presidente estadual do PC do B Daniel Almeida, um companheiro em tantas cidades, como Guanambi, Palmas de Monte Alto, Caetité; a Sra. Deputada Federal Alice Portugal, que tem um futuro brilhante, depois de Alice, ficamos sem graça para subir à tribuna para falar; o Sr. Capitão de Corveta Alexandre Ribeiro; a Sra. Vereadora da Câmara Municipal de Salvador Olívia Santana; o membro da direção estadual do PC do B Péricles de Souza; o ex- diretor- geral da Agência Nacional de Petróleo, homenageado neste dia, Haroldo Barros Rodrigues Lima. Quero cumprimentar também a sua esposa Solange, a sua neta Beatriz, o seu genro Lucas.

Quero dizer que estou aqui hoje não como parlamentar, mas vou iniciar falando como parte da família. A família de Haroldo é de Caetité, eu também nasci em Caetité, da família Silveira Lima Rodrigues Teixeira. Lembro-me de que vovó se chamava Nice Silveira Lima Teixeira. E Haroldo é primo carnal, da família. E Caetité tem sido símbolo, é terra de Anísio Teixeira e terra de Haroldo Lima também, portanto nos orgulhamos muito de ao chegar em Salvador nos órgãos administrativos e as pessoas falarem de Anísio e de Haroldo, eu bater no peito e dizer: É parente, é parente! E falo com orgulho.

Lembro-me que meu pai dizia, nas reuniões na casa de vovô Celso no Barbalho, de Haroldo, de Solange, da prisão, e aquilo me marcava, a gente via ali a luta, o ideal dele. E quando eu vi na minha agenda que hoje haveria esta sessão, eu vim para cá cedo: Eu preciso



estar lá para homenageá-lo, porque é justo. Toda homenagem que se faça a você, Haroldo, ainda é pouco, pelo seu trabalho, pela sua dedicação à Bahia e ao Brasil. Quando você me apresentou, com tanto orgulho, a sua neta Beatriz, já com o olhinho brilhando para a política, e você a puxava e a beijava... Aí, sim, Beatriz, você pode chegar nos lugares e dizer: Sou neta de Haroldo Lima. Mas você pode encher a boca para falar com muito orgulho.

Falar de você, Haroldo, é falar do trabalho e é falar também da esperança. Falar da coragem de enfrentar tantos desafios, tantas dificuldades com sua família e da superação delas. Você superou tudo, foi perseguido pelo regime militar, lutou pela “Diretas Já”, pela anistia. Haroldo sempre encontrou a alegria para encorajar todos, de ser suporte de família, de pedir dias melhores para o povo baiano.

Nos últimos anos, podemos destacar seu trabalho eficiente na ANP: o marco regulatório específico para o pré-sal; a lei do gás; a introdução do biodiesel e a regulação de toda a cadeia do etanol.

Em 2003, a ANP tinha 743 funcionários. Hoje, depois de dois concursos públicos, são cerca de 1.200, sendo 542 concursados, e 52% são pós-graduados.

Quantas oportunidades eu tive, na ANP, de me encontrar com o nosso diretor Chico Nelson, que também é da família, que com tanto orgulho fala do seu trabalho, do seu empenho.

A agência expandiu sua presença no território brasileiro com escritórios regionais no Amazonas, Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. Nesses 8 anos, a qualidade do combustível melhorou muito. O índice de combustíveis com problemas de qualidade, que estava em torno de 10% em 2003, hoje está entre um dos mais baixos do País. É o que nos conta um sempre entusiasmado Haroldo Lima.

Haroldo, nosso parente, baiano, sertanejo de Caetité, será sempre motivo de orgulho para todos nós, motivo de orgulho político, motivo de orgulho administrativo. É um cidadão que soube como poucos engrandecer a luta política, um autêntico símbolo do brasileiro maior.

Parabéns, amigo, parabéns, deputado Álvaro Gomes.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

É com muito orgulho que no meu primeiro mandato de deputada estadual subo a esta tribuna para dizer que você, Haroldo, é um orgulho para todos nós.

Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)



2495-I

Ses. Esp. 12/12/11

Or. Daniel Almeida

Título de Cidadão Benemérito da liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, ao senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Aderbal Fulco Caldas):- Concedo a palavra ao nobre e bravo representante da Bahia no Congresso Nacional, o nosso queridíssimo deputado Daniel Almeida. (Palmas)

O Sr. DANIEL ALMEIDA:- Meu bom-dia a todos e a todas.

Cumprimento o deputado Aderbal Caldas, que conduz esta sessão da Assembleia Legislativa da Bahia; o deputado Álvaro Gomes, pela iniciativa de realizar esta sessão especial para homenagear Haroldo Lima; e em sua pessoa cumprimento todos os deputados e deputadas da Assembleia Legislativa. Vejo aqui Bira Corôa, Kelly Magalhães, Ivana Bastos, que acabou de expressar sua palavra de homenagem, mas vários outros deputados aqui estiveram.

Cumprimento Péricles de Souza, nosso dirigente maior do partido na Bahia, sempre dirigente, representando aqui a direção nacional do PCdoB; o capitão Alexandre Ribeiro; César Lisboa, representando o governador Jaques Wagner, querido governador que tem prestigiado tanto o nosso partido e feito tanto pela Bahia e pelos baianos; Olívia Santana, nossa vereadora de Salvador, também da direção nacional do nosso partido; a minha querida parceira, próxima prefeita de Salvador, Alice Portugal (Palmas); Solange Lima, esposa de Haroldo, e sua neta Beatriz, que já acompanha Haroldo com esse interesse tão vibrante que ele transmite a todos nós; o prefeito de Alagoinhas, Paulo César, que está aqui, entre nós, representando o município querido de Alagoinhas (Palmas); José Augusto, do Sindicato dos Revendedores de Combustíveis da Bahia - Sindicombustíveis, que fez uma homenagem belíssima a Haroldo Lima na semana passada e nos deixou a todos com muita emoção naquele belíssimo ato.

E cumprimento o querido amigo, parceiro, homenageado desta sessão, deputado Haroldo Lima.



Para o PCdoB, realmente, é uma alegria extraordinária toda essa trajetória de Haroldo, e as homenagens que ele tem recebido nos últimos tempos. É muito bom percebermos esse reconhecimento de uma trajetória de um homem e de lutas, de dedicação que ele tem para com os baianos, para com os brasileiros em torno dos interesses nacionais.

Eu já participei de umas cinco homenagens, talvez mais do que isso nos últimos dias: no Rio de Janeiro, aqui na Federação das Indústrias, foi homenageado pela Bancada do Nordeste lá na Câmara dos Deputados, uma belíssima homenagem pela Bancada do PC do B. Enfim, são tantas, aqui é mais uma homenagem. E a cada um desses encontros vamos percebendo, cada um de nós vai se dando conta da dimensão que é Haroldo Lima na sua trajetória e na sua última tarefa na condução da Agência Nacional do Petróleo.

Quem já conhecia Haroldo Lima mais de perto, como nós do PC do B, sabia da sua capacidade, sabia da sua firmeza na condução dos melhores interesses da nação brasileira, do povo brasileiro. É um orgulho muito grande porque Haroldo e o PC do B da Bahia tem uma identidade inseparável, cada um de nós, e todos dizem por aí, carrega um pouco o Haroldo, das ideias, da têmpera, dessa vibração, quando a gente chega aí pra falar em nome do partido está lá a marca de Haroldo. Esse estilo de Haroldo é profundamente identificado com a vida e organização do PC do B da Bahia, sempre, em todas as gerações que já tiveram oportunidade de conviver com Haroldo. Os jovens que têm contato com Haroldo se sentem absolutamente identificados, integrados a suas posições, aos seu jeito de ver as coisas, de encaminhar suas opiniões, suas ideias, sua luta em defesa da liberdade e da democracia por um país mais justo. Portanto, temos esse privilégio de ter a presença, a contribuição, a marca de Haroldo mais de perto.

Para nós que estamos, eu e Alice, na Câmara dos Deputados, é uma alegria extraordinária, e eu que tive a oportunidade de suceder Haroldo em tantas bases. Vejo aqui Caetitê, a região de Guanambi Paulo Costa que está ali, que foi Haroldo quem nos conduziu – olha, eu não vou ser mais deputado, mas tem aqui alguém que nós estamos apresentando. E circulando na Câmara dos Deputados, todos que tiveram oportunidade de conviver com Haroldo, e aqueles que não tiveram oportunidade, mas que pesquisando, olhando para a trajetória e contribuição de Haroldo é admiração, respeito à marca que Haroldo deixou nos



20 anos que passou lá pela Câmara dos Deputados, sendo reconhecido por todos, até pelos principais adversários, e olhe que naquele tempo não era fácil fazer a batalha, os adversários eram duros, contundentes, e Haroldo conseguiu conquistar o respeito mesmo desses, e aqui na Bahia a gente sabe o quanto foi dura a luta para enfrentar o coronelismo, o carlismo durante tanto tempo, e mesmo esse, na mais dura luta e diferença de opinião não deixou de reconhecer e respeitar as posições de Haroldo Lima.

Quando Haroldo Lima foi indicado para a Agência Nacional de Petróleo muitos chegavam perto de cada um de nós e cochichava: mas será que é possível alguém com essa trajetória política só da política conduzir as ações, todas as políticas na área de petróleo no Brasil? A Agência tem essa atribuição, o petróleo é algo muito importante no mundo e no Brasil. Quando Haroldo chegou lá estava próximo de 10% do PIB, oito e alguma coisa por cento, Haroldo pode falar melhor sobre isso, coisa de grande significado para todos nós, e Haroldo sai, depois de oito anos, da Agência Nacional de Petróleo aplaudido, aplaudido pelo Brasil, reconhecido por todos os setores. A Agência Nacional de Petróleo hoje é uma outra instituição, tem a marca da competência, da firmeza na condução dos interesses do Brasil, no cuidado com a qualidade do combustível, com os interesses nacionais. As ações e as políticas que estão sendo definidas para o pré-sal têm a marca de Haroldo Lima. Esse modelo que está sendo definido tem a marca, a contribuição indiscutível de Haroldo Lima na sua concepção, no seu encaminhamento.

Sei que Haroldo está encerrando uma etapa da sua contribuição, mas continuará na sua caminhada, continuará atento para as coisas de interesse do Brasil, da sociedade brasileira. Continuará ainda com tarefas que tenho certeza de que ele dará como contribuição para cuidarmos e solucionarmos. Por exemplo, a participação maior dos pequenos produtores de petróleo no Brasil. Nós, aqui na Bahia, temos desafios. Há algum tempo estamos desejando que se libere a exploração de petróleo lá no interior da Bahia, da Bacia de Tucano, para que os poços maduros, que a pequena atividade de petróleo possa desenvolver-se. Haroldo continuará dando a sua contribuição na construção desse caminho.

Portanto, Álvaro, Assembleia Legislativa, meus companheiros, companheiro Haroldo Lima, viva a sua trajetória, essa luta! Viva o PC do B! Viva a construção que você



pôde fazer ao longo dessa caminhada em favor dos baianos, dos brasileiros! Forte abraço, companheiros, vamos continuar nessa trajetória! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



2496-I

Ses. Esp. 12/12/11

Or. César Lisboa

Título de Cidadão Benemérito da liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, ao senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo deputado Álvaro Gomes.

O Sr. PRESIDENTE (Aderbal Caldas): - Representando S. Ex^a o senhor governador do Estado, doutor Jaques Wagner, temos a honra de convidar o secretário César Lisboa para fazer uso da palavra.

O Sr. CÉSAR LISBOA:- Sr. Deputado Álvaro Gomes, proponente desta sessão especial; Sr. Presidente desta sessão, deputado Aderbal Caldas; Sr. Deputado federal Daniel Almeida, que também é presidente estadual do PC do B; Sr^a Deputada Alice Portugal, que sempre faz uma dupla comigo – eu sou César Lisboa, ela é Alice Portugal –, e é sempre uma boa dupla; senhor capitão de corveta, Alexandre Ribeiro; senhora vereadora da Câmara Municipal do Salvador, Olívia Santana, em nome da qual gostaria também de saudar os outros vereadores aqui presentes; Péricles de Souza, que é um dos membros da direção estadual e nacional do PC do B e é uma pessoa por quem todos nós temos admiração e profundo respeito; também saudar os deputados estaduais aqui presentes – Bira Coroa, Kelly Magalhães e Ivana Bastos -, e saudar Haroldo Lima, o homenageado desta manhã.

Queria falar diretamente com Haroldo Lima, não com o ex-diretor da Agência Nacional de Petróleo, não com o ex-deputado, nem com o ex-autor de livros militantes que são importantes para conhecermos a história da esquerda deste nosso País, mas queria falar um pouco com o concidadão sertanejo Haroldo Lima. Sou do sertão de Santa Maria da Vitória. É uma terra que tem influência de Caetité pela proximidade. Até nós, dessas duas outras cidades, brincamos com Caetité e sua influência sobre as nossas duas cidades, mas é com esse concidadão sertanejo que queríamos falar um pouco. Queria falar sobretudo para pensar em termos do que chamaríamos de uma trajetória que enche de orgulho todos que como eu nasceram, viveram e se criaram nesse grande sertão da Bahia.

Primeiro, é imaginar que alguém que sai de uma trajetória de filho do sertão, em Caetité, para ser filho do Brasil. Hoje, ninguém tem dúvida de que nosso amigo Haroldo



Lima seja um grande filho deste País, do qual os brasileiros têm orgulho e respeito. Segundo, também uma trajetória particular e especial, que é de ser filho de uma família que eu chamaria de tradicional, aristocrática do sertão, para ser, de alguma forma, o filho de um sonho de igualdade e de emancipação de todos os trabalhadores mais pobres desta Nação. É também um processo especial de mudança de concepção, é algo profundo que precisamos sempre nos remeter com orgulho e paixão.

O terceiro aspecto que gostaria de chamar a atenção, é que ele que veio de uma trajetória de ser, vamos dizer assim, filho de uma visão humanista/religiosa, quando foi militante da AP, para ser também filho de uma visão que eu diria mais universalista, da universalidade política em defesa do socialismo, daquilo que o deputado Álvaro Gomes fez tanta questão de frisar, do internacionalismo proletário. É também uma passagem, uma trajetória e uma ampliação de vida que é motivo de orgulho e exemplo para todos nós.

É lógico que o conhecemos como alguém que lutou pelo nacionalismo, pela liberdade e pela igualdade do ser humano, sofrendo todos os percalços em um período em que lutar pela liberdade era considerado crime.

Como cidadão do sertão, falo tudo isso para mostrar esse exemplo de alguém e pode sair de sua terra e criar uma visão muito mais ampla, que abarque toda a nossa humanidade no sentido de pensar a sua emancipação. Isso serve de exemplo para todos nós que nascemos e nos criamos no sertão, para que possamos pensar e ousar o mundo.

Por fim, em nome do governo e do governador Jaques Wagner, que está viajando para a China, quero saudar Haroldo Lima e dizer que realmente ele enche de orgulho qualquer cidadão deste nosso Estado.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 12/12/11

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de convidar a Sr^a Solange Rodrigues Lima, sua neta Beatriz Rodrigues Lima e o nobre deputado Álvaro Gomes para, juntos, entregarmos a Haroldo Lima o Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira que esta a Assembleia Legislativa lhe concedeu. (Palmas)

(É feita a entrega do Título Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira ao Sr. Haroldo Lima.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Tenho a satisfação de passar a palavra ao homenageado, Haroldo Borges Rodrigues Lima.



2497-I

Ses. Esp. 12/12/11

Or. Haroldo Lima

Título de Cidadão Benemérito da liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, ao senhor Haroldo Borges Rodrigues Lima, proposta pelo deputado Álvaro Gomes.

O Sr. HAROLDO LIMA:- Saúdo o presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, que neste instante preside esta sessão e que acaba de me conferir um título de enorme expressão, o deputado Marcelo Nilo.

Saúdo o representante do governador Jaques Wagner, o secretário de Relações Institucionais, César Lisboa, que acabou de fazer uma oração me sensibilizando porque mostrou as contradições e evoluções positivas nas coisas do sertão brasileiro. Quero saudar o deputado federal Daniel Almeida. Como ele disse aqui, eu tive a satisfação de apresentá-lo nas regiões sertanejas, quando de lá me afastei como representante, e fico muito satisfeito ao retornar lá ouvindo o pessoal do sertão dizer que acertei, porque o deputado Daniel está firme representando os nossos anseios e contribuindo para aquela região.

Quero saudar também a futura prefeita da cidade de Salvador.

Todos têm suas vidas, suas trajetórias, e Aderbal ainda há pouco dizia que eu não parecia ter completado 70 anos. Também acho que não pareço ter, mas o certo é que já completei mesmo. Segundo alguns, já até passei. Depois dum certo período de vida, passamos a ter certas alegrias, diversas alegrias, mas também muitos dissabores. Uma das alegrias que terei será participar da posse de Alice Portugal como prefeita desta capital.

Quero saudar o Sr. Capitão-de-Corveta Alexandre Ribeiro, que representa o Sr. Comandante do 2º Distrito Naval, Carlos Autran. É uma satisfação, capitão, a sua representação nesta sessão, posto que, nestes últimos 8 anos em que estive à frente da Agência Nacional do Petróleo, conseguimos estabelecer com a Marinha uma relação muito próxima, muito íntima, direcionada aos interesses nacionais, com um descobrimento muito importante para o Brasil, o chamado Pré-Sal. Essa fortuna está em alto-mar, e quem tem nos ajudado a defender as riquezas brasileiras lá é a Marinha brasileira.



Quero saudar a vereadora Olívia Santana, essa pessoa que é representante destacada do que tem de melhor na Bahia, na cidade de Salvador: ela própria, com sua juventude - pelo menos comparada a mim - é alguém que tem um largo futuro ainda a cumprir e seguir na sua vida política.

Quero saudar Péricles de Souza, que está ali, parece mais velho do que eu, mas não é, não! É um pouco mais novo. O certo é que Péricles tem uma trajetória parecida com a minha: percorremos juntos - desde o período em que ele era estudante secundarista e eu, universitário, depois me formei e de lá para cá nunca nos afastamos - este Brasil de Norte a Sul. Ele morou por um período na Região Amazônica, e eu morei no Sul, mas sempre nos encontrávamos pelos mesmos caminhos, numa vida que a cada despedida não sabia se o reencontro aconteceria ou não. E estamos nos reencontrando, e juntos, até hoje.

Quero saudar os deputados e as deputadas presentes: Kelly Magalhães; Ivana Bastos, minha prima; Aderbal Fulco Caldas. Na pessoa de Álvaro Gomes, em todos os parlamentares que aqui estão dou um abraço.

Álvaro Gomes é uma figura magnífica. Há muitos anos que vejo ser Álvaro Gomes aquela pessoa vibrante. Álvaro Gomes é destemido, Álvaro acredita nas coisas, Álvaro está à frente. Álvaro está com uma gravata que trouxe da China, agora, e me disse que o que está escrito nela é Mao Tsé-Tung. Ele acredita nisso, embora lá não esteja escrito Mao Tsé-Tung. Está escrita uma frase dele, que não sei qual é, mas é de Mao Tsé-Tung. Palmas para Álvaro Gomes porque ele merece, e sei que muito desta homenagem a qual estou recebendo é por conta dele. E também dos demais deputados daqui da Bahia.

Não posso perder a oportunidade - não sei se terei outra - de saudar algumas pessoas que estão presentes. Com elas tive contato e vivi muitos acontecimentos importantes. Vejo aqui Ana Guedes, Lourival Gusmão, Vandilson Costa, Anselmo, Julieta Palmeira, Carlos Valadares, Geraldo Galindo, Walter Ribeiro, Souza, dos têxteis, Messias Gonzaga, Elias Dourado, Francisco Nélon, Reginaldo Oliveira, Jerônimo, da Unegro; Paulo Costa, Deoclides, Emanuel Souza, Ubiratan Félix e tantos outros que posso ter esquecido de anotar, mas estão aqui e eu os abraço.



Gente, como disse Daniel, neste período em que estou saindo da diretoria geral da ANP já participei de umas 5 ou 6 homenagens, recepções chamadas despedidas, e ainda faltam 3. Já houve 8, então faltam umas 11! Sensibiliza-me esse fato. Mas, como procuro interpretar os acontecimentos à luz dos processos que estão em curso, acho que isso tudo está relacionado ao fato de o pessoal enxergar em mim coisas que tenho e muitos de vocês também têm. Talvez eu tenha concentrado mais do que outros, aparecido mais do que outros, mas vejo isso como uma homenagem a todos aqueles que tiveram um passado e um presente como os meus, assim como vocês todos tiveram.

Vejo aqui na minha frente Solange Silvany Rodrigues Lima, minha mulher. Muitas coisas que estou recebendo seria melhor que ela recebesse. Conheci Solange estudante, uma menina brilhante, primeiro lugar em tudo! Eu não era, não. Mas ela era! No vestibular, em tudo! Eu ficava encantado com a inteligência de Solange. Ela fala bonito, etc. E foi ela quem me levou à primeira atividade política. Ela também estava começando naquele instante. De lá para cá, vamos completar, segundo estou sabendo, parece que 50 anos de casados. É uma coisa extraordinária! Ela me aturou muito, sem dúvida alguma. O que quero declarar é que ela foi um esteio, uma retaguarda segura, com as opiniões dela. Como vocês sabem, Solange enveredou pelo caminho do catolicismo, é uma pessoa importante na Igreja de São Bento hoje. Já eu enveredei pelo caminho do marxismo. Mas nos damos muito bem, temos ideais gerais que convergem, como o ideal da luta pelo povo brasileiro, pela soberania do nosso País, pela melhor condição de vida da nossa gente, etc. E nisso vamos nos encontrando, cuidando das nossas netas, que estão surgindo agora.

Julgo que essa trajetória que segui, procuro colocar não como exclusivamente minha, porque de fato não é. É de tanta gente, é uma trajetória bonita! E, repito que não é minha, mas sim duma geração que resistiu bem.

Quando vejo, aqui, Álvaro e a Assembleia Legislativa da Bahia me darem um tipo de benemérito da liberdade e da justiça social João Mangabeira, fico muito emocionado e satisfeito pois a coisa pela qual eu lutei na vida, foi a liberdade.

Não percebemos direito a importância das coisas até perdê-las. Eu tinha liberdade nos idos da juventude, como aqui alguém falou, nasci numa família da aristocracia decadente



do sertão da Bahia. Naquela época, quando nasci, a minha família já tinha sido opulenta. Era uma família de barão, era a família do governador, mas estava em decadência. Vivíamos, um pouco, aquele clima de total liberdade, ou achávamos que vivíamos.

Quando vamos crescendo e conseguindo compreender melhor as coisas, vemos que é uma liberdade meio limitada, contingenciada. Quando perdemos totalmente a liberdade, aí é que damos valor à pouca liberdade que tínhamos, e começamos a lutar por uma liberdade maior para nós mesmos e para o povo, em geral.

A nossa luta foi nesse sentido. Esse período de 64 a 85, foram dez anos de clandestinidade intensamente vividos na busca pela liberdade. Nunca descreditamos que a liberdade viria.

Em todo o processo, eu e a turma que estava conosco nunca pestanejamos em imaginar que aquilo iria acabar. Nós iríamos vencer, mais cedo ou mais tarde, não tínhamos dúvida quanto a isso.

Havia uns certos escritos do Mao Tse Tung, Álvaro, que dizia: “Não importa que isso acabe a curto prazo. Pode até demorar, pode não ser para mim, pode não ser para os nossos filhos, pode até não ser para os nossos netos, mas um dia virá.” E nós lutávamos nesse sentido.

Assim, passamos essa temporada na clandestinidade, escondidos no meio do mato, na região do cacau da Bahia, no Norte do Brasil. Depois, resolvemos ficar escondidos no meio de uma selva de pedra, São Paulo. São Paulo tem essa virtude, é uma cidade gigantesca, e ficamos escondidos em meio aquela multidão, ninguém lhe enxerga, ninguém lhe vê, ninguém sabe, sequer, o seu nome, e você não usa o seu nome, para ninguém saber. E vai tocando em frente, observando os acontecimentos.

De repente, articulamos certas formas de luta, uns de uma forma, outros de outra, o processo vai em frente, alguns são derrotados, alguns perdem a vida, e uma grande quantidade vai perdendo a vida ao seu lado. Isso vai criando uma certa têmpera de ferro, o que na União Soviética antiga se chamava de têmpera de aço.

Vamo-nos acostumando a viver com essa têmpera de aço à medida em que vemos o nosso companheiro ser morto, outro desaparecer acolá. E temos de sobreviver nesse



processo. É preciso ter um otimismo dramático muito grande na frente, mas mantínhamos esse otimismo.

O certo é que, de repente, nesse processo todo começa a surgir uma alvorada no Brasil, começam a surgir os raios da liberdade, e a anistia acontece. Nós havíamos sido presos, torturados e passamos outras experiências na cadeia, até que o regime militar entra em decadência. Ao entrar em decadência, vem uma nova situação; de repente, nós estávamos na liberdade, de novo. Olha Haroldo Lima aparecendo, ele que era Zé Antônio, Carlos Martins, Vinícius, uma porção de nomes. O Péricles, que está ali, era Davi, mas também tinha outros nomes.

Tudo isso desaparece, e nós retornamos. Ao retornarmos, vamos ao encontro da nova geração que vai surgindo no esteio daquelas brigadas. Assim, consegui ver uma porção de gente que está aqui e eu não conhecia. Mais recentemente, vejo Olívia Santana, conheci Alice Portugal – ela lembrou, aqui, que eu a conheci na antiga casa de Chico Pinto, quando ela fazia um discurso lá –, conheci Daniel Almeida, que era um líder operário, dentre outros. Uma porção de gente que está aqui, a gente foi conhecendo e vibrando, porque a dinâmica das coisas é tal que você percebe o seguinte: nós lutamos por isso e está dando certo. Não só nós conquistamos, como há uma turminha preparada para levar em frente a mesma bandeira. A gente vai ficando satisfeito, é uma alegria muito grande!

Esse processo vem em frente, acontecem as batalhas parlamentares, e eu sou eleito deputado federal sem nunca ter sido vereador. Deputado Marcelo Nilo, a primeira vez que entrei na Câmara Federal Brasileira, fui Vice-Líder do PMDB. Eu nunca havia entrado num Plenário, e nem sabia como funcionava direito direito essa história de Liderança. Eu era Vice-Líder! Alice disse, aqui, que era deputada de uma Bancada que só tinha um membro. Eu, não, tinha o dobro de membros dela, ou seja, dois deputados, eu e Aurélio Teles. E com base nesses dois deputados, cheguei para Ulysses Guimarães e disse: “Dr. Ulysses, nós, do Partido Comunista do Brasil, consideramos da maior importância termos um representante no Colégio de Vice-Líderes e o candidato sou eu. O candidato sou eu!” Ulysses olhou para mim e disse: “Eu estou de acordo. Você será o Vice-Líder, porque representa uma facção. Não são apenas dois deputados, mas uma corrente política que existe no Brasil.”



Ulysses teve sensibilidade! Essa corrente política precisava estar representada dentro do Colégio de Vice-Líderes do PMDB, porque naquela época o PCdoB ainda estava na clandestinidade. Eu disse para ele: “É claro que eu represento no Colégio de Líderes a corrente dos comunistas, eu represento o PCdoB. Não tenha nenhuma dúvida, a minha disciplina é com esse partido.” Ficamos lá dentro, até que o Partido veio para a legalidade, em 1985, e eu fui o primeiro Líder da Bancada dos comunistas. Eu fiquei 11 anos Líder e já estava até cansando desse negócio de ser o Líder.

Assim, quando Lula chegou à presidência da República, nós passamos a uma situação completamente nova. Até então nós éramos do contra. Nós éramos contra qualquer coisa! Se o governo levantava uma posição, nós nem sabíamos direito qual era o conteúdo dela, mas em princípio nós éramos contra. Éramos contra! Em geral, nós não errávamos! Em geral, a gente não errava! E de repente, com essa história do Lula ser candidato à presidência da República, – nós apoiamos o Lula candidato à presidência da República – ele é eleito presidente. Daí por diante, começamos a viver uma nova etapa, uma etapa, digamos assim, de construção. Nós não podíamos nos contentar em ter uma visão superficial das coisas, não podíamos nos contentar em criticar as coisas pelos seus títulos, pelo seu sentido geral, precisávamos ir à fundo na questão e examinar as coisas na sua concretude.

E foi nesse processo que eu fui indicado para ser diretor da Agência Nacional de Petróleo. Daniel Almeida viu diversas homenagens que me foram prestadas – vão prestar, inclusive, uma última, uma despedida minha, que é do Instituto Brasileiro de Petróleo que reúne todos os grandes produtores de petróleo do Brasil, a partir da Petrobras – e todos eles depõem o seguinte: “Quando você chegou aqui, foi um sobressalto.” Muitos diziam: “Como é que vai ser, agora, essa história?” “Foi um tumultuo total, uma confusão. Como é que se faz uma coisa dessas?”

E lá em Brasília, há poucos dias, numa dessas despedidas que Daniel e Alice participaram, nós verificamos um pouco isso. Havia muitas homenagens a mim pelo o que eu fui. Muita gente ressaltava o que aqui foi falado de passagem: “Esse é o homem do quebra-quebra!” “O quebra-quebra da Bahia! O quebra-quebra de Salvador!” “A resistência, a prisão



e a tortura!” Tudo isso é verdade e, devo dizer com toda sinceridade, isso me orgulha! Isso é uma página bonita da nossa história, minha e de diversos outros. (Palmas)

Agora, de um certo momento para cá, nós já estamos nessa fase nova, precisamos construir o Brasil do futuro, precisamos construir o Brasil do futuro, desenvolver esta nossa pátria. Aí temos que realçar, o que estamos procurando fazer agora, cada um de nós precisa descobrir as novas veredas que o Brasil está a exigir de nós. Agora não é hora de fazermos o quebra-quebra, agora é hora de botarmos pedra sobre pedra, tocar as coisas em frente e, com isso, construirmos o futuro.

O que tentamos fazer e conseguimos em certa medida na Agência Nacional do Petróleo foi esse processo nesse novo tempo histórico, o que vamos fazer nesse local em que estamos. O local era excepcionalmente importante, quando chegamos lá, Daniel, na ANP, o setor do petróleo no Brasil participava com 2,5% a 3% do Produto Interno Bruto brasileiro. Nesse último período o desenvolvimento do setor foi tão forte que hoje participa com 12% do Produto Interno Bruto brasileiro. Foi um crescimento espantoso.

Nesse crescimento espantoso, a agência reguladora desse setor não podia ficar atrasada, se ficasse obstruía o crescimento do setor e ela teve que se desenvolver também. Por isso quando Ivana Bastos fez referência aqui a certos índices do crescimento da ANP são verdadeiros. O que aconteceu? Quando chegamos lá a ANP era uma agência pequena, tinha cerca de 700 pessoas e hoje tem 1200; tinha zero concursado e hoje tem 542, foram feitos dois concursos; tinha dois pequenos escritórios no Brasil, um era aqui na Bahia, um escritório absolutamente acanhado e outro em São Paulo, um escritório absolutamente pequeno e hoje tem seis escritórios no Brasil, todos grandes. A começar pelo daqui, o chefe do escritório está ali presente e é uma pessoa importante, porque o escritório da ANP hoje é importante na Bahia.

A ANP estava fora do Extremo Norte do Brasil, a Amazônia e mais da metade do Brasil não tinha escritório da ANP. O Extremo Sul, o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná não tinham nada da ANP. O Centro do País, Minas Gerais, também não tinha nada da ANP. Então abrimos um escritório em Manaus, Porto Alegre, Belo Horizonte, ampliamos muito o escritório de Salvador e de São Paulo e modernizamos o escritório de Brasília.



Estávamos em seis andares de um edifício cedido pelo Banco do Brasil e passamos a ocupar 14 andares de um edifício próprio da Agência Nacional do Petróleo, que tem 11 andares, e alugamos três.

Com isso a Agência se pôs à altura dos desafios que estavam postos. Nesse meio do caminho e também embrulhado com isso surge o negócio do Pré-sal. O Pré-sal é um desafio enorme para Brasil. Eu que saí ontem, meu mandato na ANP terminou ontem e acho que até agora não temos muita clareza. Nós que eu falo são todos os que tem mais interesse em examinar a questão, talvez não tenhamos atinado com o significado e as consequências que havia para o Brasil com a descoberta do Pré-sal. É uma coisa extraordinariamente desconcertante.

Descobrimos petróleo no Brasil pela primeira vez aqui na Bahia em Lobato, onde nasceu Orlando Silva, ex ministro dos Esportes do Brasil, em 1939, ano em que nasci. Pois bem, de 39 até agora, furamos em tudo quanto é lugar que podemos e acumulamos 14 bilhões de barris de petróleo em reserva provada, cubada na Agência Nacional do Petróleo. Lá nesse Pré-sal tem algo em torno de 50, 60, 70 bilhões de barris de petróleo. É uma coisa extraordinária, multiplicou por muito a nossa reserva.

E o que vamos fazer diante desse fato? Temos que olhar um pouco a experiência do mundo. Em todos os lugares onde se descobre muito petróleo causa um certo trauma na nação. Há lugares que eram industrializados, e com a descoberta de muito hidrocarboneto se desindustrializou. Paradoxalmente, isso é um fato.

Onde aconteceu isso? Na Holanda, que sempre foi um país altamente industrializado. Mas de repente se descobre no Mar do Norte uma quantidade extraordinariamente grande de petróleo e gás natural. Tudo no país começou a convergir para o setor de petróleo e gás natural. E se desindustrializou a Holanda, criando, então, o que, hoje, na terminologia clássica da economia é chamado de “doença holandesa”. A “doença holandesa” resulta de uma grande fortuna que se descobriu e não se soube administrá-la, arrebatando o resto do país.

Nos países do Oriente Médio, toda vez que se descobria uma grande quantidade de petróleo havia lugar para o que se chamava de “maldição do petróleo”. A maldição é que a



força do petróleo recém-descoberto numa quantidade tão grande fazia com que o resto da economia do país já não tivesse mais papel algum. Ninguém ia comprar um copo deste tipo num país que tem petróleo em abundância, posto que com o dinheiro abundante do petróleo se podia comprar não de vidro vagabundo, mas de cristal na França. Não era preciso fazer a fábrica de copo de vidro.

Com isso, o país se desindustrializava e não se desenvolvia. Havia um gueto extremamente opulento, que era o gueto do petróleo, e o resto do país não se desenvolvia. Com isso, começamos a perceber que precisávamos, no nascedouro da história, levando-se em conta que sabíamos como as coisas poderiam ocorrer, tomar certas medidas. Vamos com cuidado para não ficarmos ofuscados pela fortuna recém descoberta e jogar o nosso País num caminho desastroso.

Daí termos percebido que era necessário mudar o marco regulatório daquela região. Nisso, na verdade, houve uma certa clarividência do presidente Lula, que ao ver o tamanho da coisa, nas primeiras discussões que tivemos com ele sobre o significado daquilo e os riscos que havia, percebeu que deveria parar tudo para que pudéssemos examinar e estudar meticulosamente como vamos fazer com esse negócio, porque queremos que seja um fator de libertação dos brasileiros e não um fator de destruição ou de maldição dos brasileiros.

Nós dissemos para ele: “Olha, existe na economia clássica mundial a expressão ‘maldição do petróleo’”. Todo mundo que descobre muito petróleo fica pobre. A nação fica pobre ou não consegue industrializar-se, ou, se está industrializada, desindustrializa-se. Essa é a experiência mundial. Houve algumas mudanças na Noruega onde isso aconteceu, mas não foi muito longe disso, não.

Resolvemos, então, estudar o assunto em profundidade nessa comissão constituída por Lula e oito pessoas, da qual participei. Começamos a examinar como deveríamos fazer. A ideia básica a que chegamos foi a seguinte: no local onde há alto risco exploratório, porque não se sabe se há petróleo ali, e se houver não se sabe se é muito ou pouco, faz-se um contrato determinado, o contrato de concessão, pelo qual quem vier a explorar o local, caso



encontre petróleo, é o seu dono e paga ao Estado uma determinada quantia, que é chamada de *royalties*, que pode ser maior ou menor.

Mas num lugar que tem uma quantidade de petróleo exageradamente grande, com baixo risco exploratório, não se usa isso, não. Faz-se um contrato de partilha da produção de tal maneira que alguém procurará petróleo. Caso encontre, o petróleo será do Estado, que paga a quem o encontrou uma quantidade boa, porque senão ninguém irá procurar o petróleo. Mas o petróleo é do Estado, essa é a diferença. O petróleo é do Estado ou do concessionário? No mundo, a experiência é desse jeito.

Aqui, no Brasil, no local que corresponde a 2% das bacias sedimentares brasileiras, o contrato é de partilha. Ou seja, o petróleo está lá, sabemos que existe em grande abundância. E quem descobrir não é o dono, o dono é o Estado.

Qual é a razão de fundo disso? A razão não é de ganhar mais ou menos. Muita gente diz que com o contrato de concessão poder-se-ia ganhar a mesma coisa. Eu também acho, só que não era esse o nosso problema. Nós não queríamos ganhar a mesma coisa, não. Nós queríamos ter o controle da produção, aí sim. E o controle da produção você não tem com um produto que não é seu. Você não pode chegar para uma pessoa e dizer, diminua um pouco a sua produção? A pessoa vai dizer: a mim, baixinho, que história é essa? Eu estou precisando ganhar minha vida, precisando trabalhar, e você me pede para eu ir mais devagar! Que negócio é esse? Não tem condição.

Então, só há condição de você controlar a produção e colocar um ritmo adequado na produção para poder permitir que o resto da economia brasileira se industrialize e fique à altura daquele produto, se você for dono do produto, se você disser, aqui, agora, a gente vai devagar, vamos esperar construirmos dez navios para podermos transportar esse produto, aqui. Esses dez navios serão feitos no Brasil, como vai demorar a gente vai demorar também com a produção. A gente não pega tudo que tem e joga para fora no navio dos outros.

Essa ideia básica é a que norteou a mudança do marco regulatório. Foi uma ideia importante, porque estava relacionada a esse ponto de vista de que o que nós descobrimos do petróleo além do pré-sal tem que estar ligado à libertação do Brasil. Olha eu falando do pré-sal que eu nem estava pensando em falar.



Vou encerrar por aqui, porque o tempo já está avançado, para dizer a vocês que eu fico muito satisfeito com os discursos que foram feitos aqui e com a presença de vocês. Eu não esperava contar com essa presença, de forma alguma. Eu tinha dito, inclusive, o pessoal do Rio de Janeiro telefonou para mim, que essa é uma coisa muito boa, importante, mas em geral pouca gente comparece, segunda-feira, Bahia e etc. Mas fico muito sensibilizado.

Quero encerrar dando conta de uma coisa que talvez tenha sido uma das maiores alegrias que tu tive nesse período recente como diretor geral da Agência Nacional de Petróleo, que está ligada à questão do pré-sal. Mas qual é essa coisa? É que quando nós descobrimos esse pré-sal, nós percebemos que era bom aproveitar a oportunidade daquela descoberta e dar um jeitinho de colocar a Petrobras para frente, mais para frente do que ela já estava. Com isso a gente estabelecia que quem vai ser operadora única na área do pré-sal é a Petrobrás. Operadora única pode fazer associação com uma, duas, três, quatro, cinco, com quem ela quiser, mas quem vai operar, quem vai perfurar, gerir o poço é a Petrobras. Assim foi feito. Mas para a Petrobras cumprir esse papel ela precisava ter muito dinheiro. Não é fácil você perfurar assim quilômetros no chão, a 300 quilômetros do litoral, não é uma coisa fácil, era preciso a Petrobras se capitalizar. Parece-me uma coisa que ao sair da ANP, saio alegre com isso que nós conseguimos contribuir para fazer, que a ANP contribuiu. Para se capitalizar a Petrobras só havia duas formas: ou se coloca muito dinheiro ou um bem altamente valioso. Dinheiro não tínhamos, então tinha que arranjar um bem bastante valioso. Onde está esse bem? E surgiu logo a ideia: está lá no pré-sal. A ANP assume a responsabilidade de localizar, naquela região do pré-sal, um reservatório que tenha algo em torno de cinco bilhões de barris de petróleo naquele canto. Vocês podem localizar isso? Nós dissemos: pudemos. E fizemos os nossos estudos e colocamos o dedo na ferida. Aqui, nós vamos furar aqui. E a ANP que nunca tinha furado nenhum poço no Brasil perfurou pela primeira vez o poço ANP1. Perfuramos e quando terminamos havia cinco bilhões de barris de petróleo lá embaixo.

A segunda questão, tem que haver uma certificação internacional, aceita por todo mundo de que ali há cinco bilhões de barris de petróleo. Fizemos um contrato com uma grande certificadora internacional para que ela examinasse todos os mapas, todos os planos,



todos os testemunhos e concluisse que havia cinco bilhões. Isso foi feito. A Clyde terminou certificando: ali existem cinco bilhões de barris de petróleo. E, pela força dessa grande empresa, todo mundo reconheceu. Passou a ser uma coisa valiosa, cinco bilhões de barris de petróleo estão ali.

Aí vem o terceiro momento, aqueles cinco bilhões seriam entregues à Petrobras. Por quanto? quanto vai valer cada barril de petróleo daquele? Aí, apareceu na grande imprensa uma unanimidade: “É claro que deve ser algo em torno de US\$ 3 por barril de petróleo”. Todo mundo só fala em US\$ 3. Então, 5 bilhões vezes US\$ 3 seriam US\$ 15 bilhões que iríamos dar à Petrobras para capitalizá-la.

Pensei; “Mas um barril de petróleo por US\$ 3 está muito pouco. Não é possível”. Fizemos, na ANP, uns estudos e estes mostraram que estava muito por baixo. Mas existia quase uma unanimidade, ninguém falava mais do que isso.

Então chamei um grande jornal do País, que é a *Folha de S. Paulo*, que colocou uma manchete de página inteira: “O diretor geral da ANP considera que o preço deve ser em torno de US\$ 8 o barril”. Isso foi um escândalo.

Todos estavam concordando que seria US\$ 3 por barril, agora chega o cara e diz que são US\$ 8. Houve uma reação enorme na mídia. Lembro-me do que disse essa jornalista bastante conhecida da *Rede Globo*, a Miriam Leitão: “Esse diretor geral chegou a tal ponto que, a despeito de ter mandato, é preciso se estudar uma forma de afastá-lo, porque do jeito que está, o homem está tumultuando tudo. Uma coisa que todos estão falando que será US\$ 3, ele fala que será US\$ 8. Com essa diferença, US\$ 3 vezes 5 bilhões de barris são US\$ 15 bilhões. US\$ 8 vezes 5 bilhões, são US\$ 40 bilhões. Ele quer vender por US\$ 40 bilhões uma coisa que vale US\$ 15 bilhões”.

Então eu disse que era o contrário: “Vocês querem comprar por 15 algo que vale 40. Essa é a verdade, vamos devagar com o andor”. Mas fiquei muito isolado. Não havia uma autoridade que se levantasse para defender algo mais do que US\$ 3, quanto mais US\$ 8.

Aí tive um apoio substancial de Luís Inácio Lula da Silva, que chamou essa mesma imprensa e, com o jeito dele, disse: “US\$ 3 nem pensar. Tem que ser de 8 para a frente.” (Risos) (Palmas)



Resultado da história: ninguém mais falou disso. A crítica sobre mim acabou; de um dia para o outro voltei a ser um homem normal; não era mais anormal, não.

E na reunião do Conselho Nacional de Política Energética foi definido que o Brasil vai doar a Petrobras, de forma onerosa, aquele bem por US\$ 8,5 cada barril. E assim o que ia ser vendido por 15 foi vendido por 40 e tantos bilhões.

Após essa manobra toda que estou falando aqui, no frígir dos ovos, depois que o processo de capitalização foi feito, o Estado brasileiro, que tinha 32% do capital social da Petrobras, e o BNDES 7% – ou seja, o poder público só tinha 39%, a Petrobras não era tão nossa assim. Trinta e nove por cento eram realmente nossos, mas o resto era dos outros. Grande parte dos estrangeiros, da Bolsa de Valores de Nova York –, passou a ter 49% dessa empresa.

O ponto que mais me alegra nisso é que constato que o Brasil ficou mais dono da Petrobras.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-03

Ses. Esp. 12/12/11

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Ouviremos o Hino da Bahia.

(Execução do Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Meu querido amigo secretário de Relações Institucionais, César Lisboa, neste ato representando o governador Jaques Wagner; companheiro deputado proponente desta sessão, Álvaro Gomes; deputado federal e presidente estadual do Partido Comunista do Brasil na Bahia, Daniel Almeida; o nosso querido homenageado, Haroldo Lima, a minha querida companheira deputada federal Alice Portugal, o Sr. Capitão-de-Corveta Alexandre Ribeiro, representando o comandante do 2º Distrito Naval, vice-almirante Carlos Autran, vereadora da Câmara Municipal de Salvador Olívia Santana; membro das direções estadual e nacional do PCdoB Péricles de Souza; deputado Aderbal Fulco Caldas, vice-presidente desta Casa; secretário Nilton Vasconcelos, do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, gostaria de saudar os prefeitos presentes aqui saudando o prefeito de Alagoinhas, Paulo César, e saúdo também os deputados Zé Neto, Líder do governo nesta Casa, Cacá Leão, João Bonfim, as deputadas Kelly Magalhães, do Partido Comunista do Brasil; Ivana Bastos e Fátima Nunes e o deputado Bira Corôa.

Minhas amigas e meus amigos, fiquem tranquilos porque não falarei os 39 minutos que o nosso Haroldo Lima utilizou daquela tribuna. É apenas para dizer da alegria de neste momento entregar o Título Benemérito João Mangabeira ao ex-deputado e hoje presidente da ANP, Haroldo Lima.

Esta Casa é a Casa das Leis, é a Casa da liberdade. Portanto, esta Casa entrega um título a um cidadão que, entre outros, viveu momentos difíceis na Bahia e no Brasil.

Talvez estejamos hoje aqui vivendo um governo democrático, um governo republicano, com certeza devemos muito a pessoas como Haroldo Lima, que no momento mais difícil do País teve a coragem de lutar. Lutar pela liberdade, lutar pelos direitos humanos, lutar por um País livre e democrático.



Portanto, deputado Haroldo Lima, esta Casa sente-se honrada neste momento em entregar esse título proposto pelo nobre deputado Álvaro Gomes, deputado combativo, deputado assíduo, deputado que mais utilizou a tribuna nesta Casa. Eu, por muitos anos, tive esse título como o deputado que mais discursou no Parlamento. Mas como presidente da Assembleia durante cinco anos, eu não uso essa tribuna, salvo engano, utilizei uma vez durante esses cinco anos, e o Álvaro Gomes me colocou para o segundo lugar, e hoje é o deputado que mais utilizou a tribuna em defesa do povo da Bahia.

Aliás, o PCdoB sempre colocou nesta Casa pessoas que defenderam a liberdade, defenderam os direitos, defenderam a democracia, e não podemos falar na Assembleia Legislativa e falar no PCdoB, sem falar em Luís Nova, que, sem dúvida nenhuma, foi um dos deputados mais atuantes que o Parlamento baiano, pelo menos nos últimos anos, teve. O deputado Vandilson Costa, que também foi um deputado atuante, assíduo, respeitado e nos honra muito neste momento com a sua presença (Palmas)

Aliás, o PCdoB, num momento talvez mais importante desta Casa em que éramos 16 parlamentares contra 47 da Base do Governo, entre esses 16 deputados, destacaram-se muitos, a exemplo da deputada Alice Portugal. Sem dúvida nenhuma, uma das deputadas mais brilhantes que o Parlamento baiano já teve (palmas) e que exportou para Brasília, e ela utiliza o seu trabalho em defesa do nosso Estado, mas deixou muita saudade.

Lembro-me muito bem que esses 16 parlamentares no momento talvez mais difícil da vida política da Bahia deste Parlamento, quem lembra do saudoso deputado Paulo Jackson, a deputada Moema Gramacho, a deputada Lídice da Mata, o deputado Luiz Caetano, o deputado João Henrique, o deputado Arnando Lessa, pessoas que atuaram e que hoje continuam fazendo política, mas dentre esses 16, eu gostaria de dizer que entre os homens o deputado mais atuante do Parlamento, pelo menos nos meus 21 anos, foi o deputado Paulo Jackson, e entre as mulheres, sem dúvida nenhuma, foi a nobre deputada Alice Portugal (Palmas).

Portanto, deputado Haroldo Lima, que representa a cara do PCdoB na Bahia, o PCdoB sempre colocou nesta Casa deputados que merecem o respeito e atenção. Temos hoje aqui três parlamentares do PCdoB, o deputado Fabrício Falcão, mesmo sendo o primeiro



mandato, é uma pessoa muito querida nesta Casa, que chegou para formar amizade, para utilizar o seu mandato em defesa do povo da Bahia, em especial do povo de Vitória da Conquista. Hoje, o deputado Fabrício Falcão, que tenho o prazer de relacionar entre os meus amigos, fruto de um respeito muito grande, um deputado muito atuante, querido e, sobretudo, leal com os seus princípios.

Nós temos a deputada Kelly Magalhães, ex-vereadora da cidade de Barreiras, que também chegou aqui e participa desta Casa ativamente, uma deputada atuante, aliás, todos os parlamentares que fazem o PCdoB sempre foram atuantes. E a deputada Kelly, mesmo no primeiro mandato, hoje é uma veterana; veterana pelo respeito que adquiriu entre os pares, pela sua atuação como deputada, não apenas em defesa da sua querida Barreiras, mas, principalmente, em defesa da Bahia. (Palmas)

Portanto, deputado Haroldo Lima, eu gostaria muito de dizer da minha felicidade em entregar esse título, o deputado Álvaro Gomes, experiente, por diversas vezes chegou com a proposta e perguntava: é o momento certo? Ele ficava muito preocupado, votação secreta, deputado comunista, deputado hoje participando do governo Dilma, com muita honra para o nosso Estado, e eu disse: pode colocar porque conheço aqui os pares. Aqui é uma Casa do contraditório, de forças heterogêneas de 63 parlamentares de diversos partidos políticos, cada um com uma ideologia, cada um defendendo uma região, um município, mas sobretudo leais aos seus princípios e leais aquelas pessoas que defenderam o nosso Estado.

Portanto, quando foi para a votação secreta, quase a unanimidade, mesmo a Casa representante de todos os segmentos, não tinha a menor dúvida que fizemos justiça, ao deputado Álvaro apresentar e nós aprovamos esse título benemérito João Mangabeira.

Portanto, antes de encerrar a sessão, gostaria, deputado, de dizer que como presidente da Assembleia já passei por momentos aqui de muita emoção. Mas ver que Deus sempre muito generoso comigo, neste momento importante entregar esse título a uma pessoa que eu admirei quando era criança, naqueles momentos difíceis da ditadura, lembro-me muito bem em 1982, quando o deputado Haroldo Lima foi candidato a deputado federal, e eu consegui na minha cidade de Antas um voto, porque acreditava que ele, realmente, foi um dos responsáveis pela democratização do País.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Portanto, deputado Haroldo, fico muito feliz por você ter recebido esse título.
Declaro encerrada a presente sessão.(Palmas.)